

Napoleão Bonaparte

Nome de uma família de origem toscana (it. Buonaparte, " boa parte "), com ramificações, já no século XIII, em várias regiões da Itália, como Florença, Verona e Treviso. De um desses ramos, estabelecidos na Córsega no princípio do século XVI, saiu Napoleão I, o imperador da França. O nome afrancesado, Bonaparte, só foi adotado por Napoleão em 1796.

Carlo Maria Bonaparte (1746-1785), pai de Napoleão, estudou direito em Roma e Pisa, voltando em seguida para exercer a profissão de advogado na sua cidade natal, Ajaccio, Córsega. Casou-se em 1764 com uma jovem de 14 anos, bela e inteligente, Letizia Maria Ramolino (1750-1836). O casal teve 13 filhos, dos quais cinco morreram no primeiro ano: Joseph, o terceiro, e o primeiro a sobreviver, nasceu em 1768, e **Napoleão**, o quarto, no ano seguinte(**1769**). Carlo Maria lutou inicialmente contra os franceses pela independência da Córsega, mas em seguida abandonou a causa, sendo nomeado conselheiro real em Ajaccio. Letizia, chamada Mére quando seu filho era imperador, manteve vida discreta durante anos e juntou-se ao filho na ilha de Elba. Voltou com ele a Paris durante os cem dias. Após a derrota definitiva de Napoleão, viveu em Roma, sob a proteção do Papa Pio VII.

Joseph (1768-1844), irmão mais velho de Napoleão, estava destinado a seguir a carreira de advogado, como o pai, mas afastou-se dela ao ingressar nas lutas políticas, colocando-se ao lado dos revolucionários franceses, para ajudá-los na reconquista da Córsega. Foi nomeado pelo Diretório embaixador em Parma e em Roma (1797); participou como deputado da Córsega do Conselho dos Quinhentos. Teve alguns atritos com o irmão(Napoleão), notadamente sobre o problema da sucessão ao trono imperial, mas ainda assim Napoleão o fez rei de Nápoles (1806-1813) e da Espanha (1805-1813), onde enfrentou grandes dificuldades. Ao ser derrotado Napoleão em 1814, Joseph retirou-se para os E.U.A; em 1830 viajou para a Inglaterra e a seguir para Gênova e Florença, onde morreu.

Lucien (1775-1840), tido como o mais inteligente dos irmãos de Napoleão, foi membro do Conselho dos Quinhentos em 1797 e a seguir presidente dessa assembléia, função em que participou ativamente da preparação do golpe de 18 brumário. Sob o consulado de Napoleão, foi ministro do Interior e embaixador em Madri. Contudo, indisps-se com o irmão e , depois de recusar as coroas da Itália e da Espanha, retirou-se em 1804 para Roma, recebendo do Papa Pio VII um principado perto de Viterbo. Viajou para os E.U.A em 1810, mas foi preso pelos ingleses até 1814. Depois de Waterloo, foi morar na Itália. Escreveu um livro de memórias.

Élisa(1777-1820), a mais velha das irmãs de Napoleão, que fez em 1805 princesa de Lucca e de Piombino e em 1809 grã-duquesa da Toscana, foi prisioneira dos austríacos após a queda de Bonaparte.

Louis (1778-1846) participou da campanha italiana de 1796-1797 com Napoleão, de quem foi ajudante-de-campo no Egito. Casou-se contra a vontade, por insistência do irmão, com Hortense, filha de Josephine de Beauharnais. Foi general em 1804, governador de Paris em 1805. Rei da Holanda em 1806, abdicou em 1810, quando Napoleão ocupou o reino. A partir de então passou a maior parte do tempo na Itália, com o nome de conde de St-Leu, dedicando-se a escrever livros de história contemporânea e literatura.

Caroline(1782-1839) irmã mais moça de Napoleão, casou-se em 1800 com Murat, a cuja carreira deu impulso com o seu temperamento ambicioso.

Jerôme (1784-1860) irmão mais moço de Napoleão, serviu na marinha e abandonou o serviço nas Índias Ocidentais, em 1803, tendo-se casado nos E.U.A com Elizabeth Patterson, filha de um comerciante. Em 1805, de volta à Europa com a mulher, foi a princípio repellido pelo irmão, que acabou por aceitá-lo, sob a condição de abandonar a mulher e casar-se novamente com a princesa Catarina de Wurtemberg. Nesse mesmo ano, Jerôme ganhou o título de rei da Vestfália. Depois de Waterloo, refugiou-se junto de seu sogro, que o fez, em 1852, devolver-lhe o título de príncipe imperial.

O príncipe François Charles Joseph Bonaparte, Napoleão II, filho de Napoleão I e da arquiduquesa Maria Luísa, nasceu em Paris em 1811 e morreu em Schönbrunn em 1832. Recebeu do pai, ao nascer, o título de rei de Roma. Foi reconhecido imperador pelas câmaras, em 1815, mas cresceu na corte de Viena como um príncipe Habsburgo. Enfermo e traído, passou a ser conhecido em 1818 como duque de Reichstadt. Suas cinzas, que repousavam na cripta imperial austríaca da igreja dos Capuchinos em Viena, foram devolvidas à França por Hitler em 1940.

Brasileiros tentaram libertar Napoleão

Anúncio publicado pelo Soft Click

Um grupo de brasileiros, com norte-americanos e exilados franceses, planejou, em 1817, libertar Napoleão Bonaparte de Santa Helena, ilha no Oceano Atlântico, a mais de 3.000 Km do Brasil, entre Angola e o Estado da Bahia, onde o imperador deposto da França era mantido como prisioneiro pela Grã-Bretanha. O objetivo era trazer Napoleão para o Nordeste. Mas o plano nunca foi posto em prática, pois o governo revolucionário que se instalara em Pernambuco e que ajudaria na missão, acabou derrubado pelas tropas portuguesas.

Esse ousado e pouco conhecido episódio da história nacional foi contado em detalhes pelo historiador Ferreira da Costa no artigo " Napoleão I no Brasil- tentativa de evasão do prisioneiro de Santa Helena concertado entre emigrados franceses nos Estados Unidos e agentes da revolução pernambucana de 1817 ". O texto foi publicado primeiro em francês, em 1886, na Revue du Monde Latine (Revista do Mundo Latino) e, 17 anos depois, na Revista do Instituto Archeológico e Geográfico de Pernambuco.

Segundo Ferreira da Costa, desde que Napoleão foi enviado para Santa Helena , em 1815, os ingleses temiam que ele fugisse- como já tinha ocorrido em 1814, quando ele esteve preso na Ilha de Elba, no Mar Mediterrâneo. E, realmente, logo surgiram notícias sobre planos de fuga do imperador de Santa Helena. " Numerosos planos de rapto foram concertados com efeito, tanto na Europa como na América ", escreveu Ferreira da Costa. O historiador também falou sobre o medo que essas informações provocavam: " O rei Luís XVIII ouvia-os com inquietação e o governo inglês duplicava a vigilância em volta de seu prisioneiro. Napoleão podia perceber a existência destes boatos e o terror que inspirava aos seus inimigos pelo excesso de

precauções tomadas com relação a sua pessoa. Quanto mais se falava na França " do regresso ", tanto mais se esforçavam os carcereiros britânicos para torná-lo impossível.

Em março um movimento revolucionário instalou-se no Recife e decretou a independência de Pernambuco. O novo país, porém, só durou três meses. Mas nesse período um embaixador, Antônio Gonçalves da Cruz , mais conhecido como Cabugá, foi a Washington tentar conseguir apoio dos Estados Unidos e comprar armas. Lá ele se encontrou com franceses exilados após a derrota de Napoleão na batalha de Waterloo e organizaram o plano de fuga. A Grã-Bretanha e a França souberam dos preparativos. Um diplomata inglês nos Estados Unidos, Charles Bagot, escreveu a seus chefes de Londres em 6 de outubro de 1817 que " deve haver uma reunião geral dos agentes da conspiração em Fernando de Noronha, pequena ilha da costa de Pernambuco, que os portugueses transformaram em presídio ".

Detalhes

Paris sabia sobre o plano. Um relatório da diplomacia francesa de 20 de julho de 1817 afirmava : " Assegura-se que José Bonaparte (irmão de Napoleão) ocupa-se desde alguns meses com o projeto de raptar seu irmão da Ilha de Santa Helena ". E dava detalhes : " O coronel Latapie já partiu com 32 homens para Pernambuco. O ponto da reunião dessa expedição é a Ilha de Fernando de Noronha a 62 léguas da costa do Brasil. Ali devem reunir-se os oficiais franceses de Bonaparte, em número de aproximadamente 80.700 oficiais americanos, duas escunas e um navio armado por Lord Chochrane e tendo a seu bordo 800 marinheiros e 200 ou 300 oficiais ".

O documento ressaltava ainda que os moradores de Santa Helena eram simpáticos a Napoleão. Mas quando quatro franceses, liderados pelo coronel Latapie, chegaram ao Brasil no final de 1817, o governo revolucionário de Pernambuco já fora deposto e a coroa portuguesa estava realizando investigações e prisões arbitrárias. O grupo francês foi detido e posto sob liberdade provisória. Eles ficaram sob a proteção de cônsul americano no Recife, Joseph Ray. O coronel Latapie, num depoimento ao governador de Pernambuco, o general Luiz do Rego Barreto, confirmou que estava no Brasil a pedido de José Bonaparte, de quem era amigo, com o objetivo de analisar a possibilidade de organizar uma flotinha para libertar o ex-imperador.

Morte por envenenamento

Desterrado na Ilha de Santa Helena após a derrota na batalha de Waterloo, Bélgica (18/06/1815), Napoleão Bonaparte permaneceu em uma casa chamada " Longwood House ", onde morreu no dia 05/05/1821, aos 51 anos. Os livros de história dizem que Napoleão morreu de câncer, mas pesquisas posteriores científicas recentes constataram doses excessivas de arsênico em fios de cabelo do imperador francês, o que pode indicar que tenha sido envenenado.

Uma entidade denominada " Sociedade Internacional Napoleônica ", com 300 membros espalhados por 30 países, tem acompanhado e divulgado as pesquisas de toxicólogos que, segundo ela, comprovam o envenenamento: " as maiores concentrações (do veneno) correspondem aos períodos em que sua saúde

deteriorava " diz um comunicado da sociedade ". O comunicado admite que alguns especialistas descobriram que a tinta verde utilizada nas paredes da casa onde Napoleão permaneceu recluso continham arsênico, mas, garante o documento, nenhuma das outras pessoas que rodeavam Bonaparte morreu com sintomas de envenenamento

As Canhonadas de Napoleão

Estando em momentânea desgraça junto ao governo da convenção termidoriana durante a revolução francesa por ter tido simpatias jacobinas, o jovem general Napoleão Bonaparte não hesitou em assumir o comando da repressão ao movimento monarquista que ameaçava a república, abrindo assim a tiros de canhão seu caminho para o poder.

O Ar Burguês

Derrubada a ditadura de Robespierre pelo surpreendente golpe de 9 do Termidor, a França tomou-se de outros ares. O véu sagrado que os jacobinos haviam erguido sobre a pobreza, considerando-a a mais autêntica manifestação da República Virtuosa, fundada em 1792, estirou-se. O dinheiro dos burgueses que estava resguardado numa prudente clandestinidade, veio então à tona. As ruas de Paris, da bela Paris, encheram-se e a colorir-se com seus extravagantes, com os rapazes ricos doidivanas, os muscadins (*), e com as cocotes perfumadas e enchapeladas, envoltas em seda e veludo, apelidadas de as incroyables. O luxo, enfim, mostrava a sua cara.

(*) Muscadins: derivava de almíscar, a essência do perfume que usavam

Os Muscadins

A burguesia que sobrevivera ao terror voltava ao cenário urbano exibindo-se nas ruas com suas charretes e com suas bengalas. O novo ar burguês dominou a própria Convenção. A jeunesse dorée, ostensivamente saudosa da monarquia, passou a atuar como um esquadrão de ataque antijacobino, organizando-se em gangues e espancado com rebenques os antigos militantes, fechando-lhes os clubes. No interior da França, com o auxílio das companhias de Jesus e companhias do Sol, bandos de católicos vingativos, os muscadins assumiram a tarefa de aplicar o chamado Terror Branco, dando caça aos republicanos radicais e ex-terroristas. Enquanto isso a Convenção decidiu-se pela criação de uma nova constituição e um novo regime, o do Diretório.

A Reforma Política

Escaldada pela dramática experiência anterior, o lugar do Comitê de Salvação Pública (que fora o instrumento mor da tirania) foi ocupado nada menos do que por cinco diretores. E, para melhor ainda contrabalançar o executivo, já por si bem esvaziado, resolveu-se criar duas câmaras legislativas: o Conselho dos 500 (composto por deputados de mais de 30 anos) e o Conselho dos Antigos (preenchido por 250 deputados de mais de 40 anos de idade). A reforma, que em seguida seria confirmada pela nova constituição aprovada em 23 de setembro de 1795, liquidava não só com o poder supercentralizado, como dissolvia a própria Convenção. No cinco de agosto de 1795, elegeram para assumir o Diretório os convencionais Barras, Carnot, Rewell, Letourneur e La Réveillère-Lépeaux. Enquanto isso não se institucionalizava, a Convenção continuou governando e sendo desafiada.

A Relaxação

Depois de terem guilhotinado Robespierre e os seus próximos, decidiu-se evitar as sentenças de morte em massa, tornando-as mais seletivas. Os tribunais revolucionários foram gradativamente desativados e os presos, depois de serem submetidos a uma junta de clemência, ganharam a liberdade. Ex-convecionais foram reintegrados às sessões, bens devolvidos aos expropriados, a imprensa restaurada, a liberdade tomava para si o espaço que a tirania lhe usurpara.

O sistema de abastecimento urbano porém sofreu um baque com o fim do controle antes exercido pelos agentes de Robespierre (que consideravam o açambarcamento, e outras práticas comuns à economia de mercado, como um ato merecedor do cadafalso). A inflação disparara, atingindo 68% somente no ano de 1794, desmoralizando os assignants a moeda papel emitida durante a revolução. Com a suspensão do máximo, como era chamada a ditadura comercial exercida pelos jacobinos, a fome espalhou-se por Paris, pois a agiotagem e a especulação voltaram a exercer a sua soberania. Incitaram assim, indiretamente, os dois graves motins daquele ano, o de 1-2 de abril, e o mais violento, o de 20-23 de maio, o levante do Prairal, que foi entendido como uma tentativa dos jacobinos tomarem de volta o poder. Aos gritos de "pão, a constituição de 93, e liberdade aos patriotas presos", os arrabaldes se ergueram.

O Estertor dos Jacobinos

Indignados com a escassez dos víveres, queixosos de que os 1500 sacos de farinha que entravam na cidade não lhes matava a fome, os subúrbios de Paris rebelaram-se. No dia 20 de maio (no I Prairal), uma turba avançou sobre a Convenção, tomou a plenária de assalto e decapitou um deputado, pondo o restante em fuga. Porém essa massa de sans-culottes não tinha mais liderança capaz, nem quem a organizasse de uma maneira eficaz. Nos dias seguintes, os convencionais retomaram o controle da situação, ordenando as tropas a cercarem os arrabaldes para desarmar os esfaimados que haviam se rebelado .

Um Punhal e o Cutelo

Uma pequena hecatombe ainda estava reservada aos seis deputados de simpatias jacobinas que haviam apoiado a insurreição e a ocupação do recinto da Convenção.

Condenados à morte, Romme, Goujon e Duquesnoy feriram-se com o mesmo punhal que conseguiram introduzir na prisão, os outros três foram levados ao cadafalso ainda agonizantes. Assim, uma pequena lâmina usada em caráter privado uniu-se ao cutelo público da guilhotina para dar fim à última tentativa dos jacobinos de alçar-se ao poder. Desarvorados os arrabaldes, mortos os seus líderes, desesperançados os pobres, foi a vez dos bairros ricos tentar a vez de acabar com a Convenção.

Realistas em Ação

Era natural que com o esmagamento da esquerda jacobina, os realistas imaginavam que a estrada da restauração estaria aberta para eles. A Convenção parecia esgotada e as massas finalmente prostradas depois de tantos anos de desordens, matanças e guerras. Logo as lideranças monarquistas imaginaram que um forte ataque à Convenção seria como sacudir uma árvore com frutos bichados: tudo viria abaixo e os Bourbons que haviam se exilado na Inglaterra poderiam voltar ao lar, retomando a plenitude da autoridade. O pretexto para isso foi o fato da Convenção temer perder as eleições para os reacionários ter fixando que o novo legislativo obrigatoriamente deveria ser composto por 2/3 dos mesmos deputados convencionais. Caso os monarquistas tivessem uma votação expressiva, eles só

ocupariam 1/3 dos assentos. Insuficientes para reformar a constituição republicana. "Abaixo os 2/3" tornou-se o grito de guerra da restauração.

Desastre emigrado em Quiberón

Explorando o novo clima, os ingleses arrebanharam um pequeno exército de 1.500 emigrados e, juntando-os a mais seis mil soldados republicanos que eles haviam feito prisioneiros em outras operações, fizeram sua esquadra desembarcá-los de surpresa em Carnac e na península de Quiberón na Bretanha, no dia 26 de junho de 1795. Agregaram-se a eles mais uns 1500 chouans, na esperança de fazer ressurgir a Vendéia anti-republicana. Fracassaram. Devido a uma hábil manobra do general Louis Lazare Hoche, o ativo comandante dos bleus (os azuis, como os soldados republicanos eram chamados), as forças contra-revolucionárias foram desbaratadas. Hoche fuzilou exemplarmente os principais comandantes emigrados, desestimulando com que seus chefes no exílio não mais ousassem envolver-se em operações desse tipo.

Napoleão entra em ação

Contou Napoleão que estava no teatro Feydeau assistindo a peça Le Bom Fils quando resolveu passar na Convenção. Lá, em seção nervosa e tumultuada, recém haviam nomeado o deputado Paul Barras, emergencialmente como supremo do Exército do Interior. O comandante anterior, o general Menou, por incompetência ou simpatias realistas, havia fracassado na tarefa de pôr fim ao rebote dos monarquistas que haviam feito na seção Le Peletier, onde, em armas, conclamaram o povo "a restaurar o rei e a religião em seus corações para que a paz e o pão novamente voltassem as suas mesas". Barras vira de perto Napoleão agir em Toulon e encontrou-o socialmente em outras oportunidades. Quando a situação tornou-se alarmante ele não hesitou em chamar o jovem general em desgraça, nomeando-o como seu segundo comandante. A única coisa que Napoleão exigiu foi mãos livres para reprimir o levante.

A Defesa da Convenção

Imediatamente ele requisitou toda a artilharia disponível, contando para tanto com uma investida do major de cavalaria Joachim Murat (que mais tarde seria seu cunhado e rei de Nápoles), senhor de uma coragem assombrosa. Montou então com os canhões um perfeito sistema defensivo ao redor das Tulherias (onde se reunia a Convenção) e de suas adjacências e esperou para ver. Juntaram-se a ele algumas guarnições de ex-jacobinos, como o Batalhão Sagrado dos Patriotas de 1789, apelidado de "batalhão dos terroristas", que resolveu aliar-se à Convenção porque a vitória dos monarquistas significava o cadafalso para todos eles. Até os deputados receberam armas para se defenderem. Os republicanos somavam uns cinco mil homens, enquanto do lado realista eles eram uns 30 mil. Pela manhã do dia cinco de outubro uma coluna dos insurgentes, liderados pelo general da guarda nacional Danican, marchou pela Ponte Nova tentando tomar o cais do Louvre e dali assaltar as Tulherias. Enquanto isso na Convenção o presidente Luís Legendre conclamava "Deixem-nos morrer com coragem lutando pelos amigos da liberdade!" Não foi preciso.

Canhonadas em Paris

A canhonada de Napoleão varreu os realistas, e, durante as duas horas seguintes, cargas de cavalaria e infantaria, sincronizados com o fogo da artilharia, deixaram 400 mortos entre os atacantes. O jovem general foi exemplar. Em nenhum momento demonstrou hesitação ou temor. Sem exaltar-se, suas ordens eram cumpridas sem demora. Ao exibir um sangue frio impressionante, dava, mesmo aos que não tinham, uma dose extra de coragem. Nas escadarias em frente a Igreja de Saint-

Roch, quartel-general dos monarquistas, empilhavam-se os cadáveres do desastre do levante do 13 Vendimário. A república estava salva por mais algum tempo. No dia 26 de outubro, a Convenção agradeceu e promoveu-o a general de divisão.

Preparando o caminho

A Convenção que havia sobrevivido à insurgência da plebe no Prairial (20-23 de maio de 1795), e a dos ricos no Vendimário (cinco de outubro de 1795), não poderia jamais imaginar que grande parte dos que ali estavam presentes iriam, quatro anos depois, no 18 Brumário (nove de novembro de 1799), capitular justamente para quem os havia salvo da do assalto, não conjugado, da pobreza e o do dinheiro. As canhonadas disparadas pelo jovem Napoleão em Toulon e, em seguida, dentro de Paris, pavimentaram por sua vez o caminho dele rumo ao consulado e depois ao império, servindo como uma alavanca feita de chumbo e pólvora para uma das maiores aventuras individuais da história moderna.

A Europa no tempo de Napoleão

A Europa viveu um período de grande intranquilidade após a Revolução Francesa. De um lado, a burguesia francesa não tinha paz com as constantes ameaças de monarquistas e revolucionários radicais (jacobinos). Ela precisava de um grande líder que consolidasse a revolução burguesa no país. Terminou escolhendo Napoleão Bonaparte, que se tornaria um dos personagens mais controvertidos da história ocidental. Do outro lado, as monarquias tradicionais européias temiam o avanço dos ideais revolucionários em seus países. Acabaram se aliando para lutar contra o expansionismo francês. Era a reação conservadora para manter o Antigo Regime.

A Ascensão

Napoleão havia nascido na Ilha de Córsega e seguiu carreira militar. Ao iniciar a revolução, ele adere prontamente como partidário dos Jacobinos, se destaca nas ações militares em Toulon e graças à sua brilhante atuação é nomeado general-de-brigada com apenas 24 anos. Se internamente o Diretório enfrentou uma situação de problemas insolúveis, buscou externamente, nas guerras, levantar ânimo e finanças.

Napoleão foi, então, indicado para liderar as tropas francesas contra os austríacos no norte da Itália, entre 1796 e 1797, onde após seguidas vitórias assinou o Tratado de Campo Formio, dando à França o domínio sobre a Bélgica e a margem esquerda do Reno.

Após tal sucesso, Napoleão concebe um plano de expansão que visava combater a Inglaterra através da conquista do Egito, ponto de ligação comercial dos britânicos com o Oriente.

Contando com 467 navios e 40.000 soldados, entre 1798 e 1799, enfrentou e venceu exércitos egípcios, turcos e ingleses, embora tenha perdido a frota naval em Abukir, quando a marinha inglesa, sob o comando de Nelson, saiu-se vitoriosa. Napoleão deixou seu exército no Egito e voltou para a França, onde o Diretório enfrentava dificuldades.

O Diretório estava pressionado pelas disputas políticas, onde por um lado eram atacados pelos monarquistas que pretendiam a volta ao antigo regime e, por outro, os Jacobinos queriam a volta ao regime da Convenção.

Essas dificuldades políticas aliada à crise financeira e à corrupção e incompetência dos Diretórios, levam a alta burguesia a articular um golpe de estado visando estabelecer um governo forte que desse estabilidade ao país. Com o apoio de Napoleão, alguns membros do Diretório executam esse golpe em 9 de novembro (18 Brumário no calendário revolucionário) conhecido como Consulado.

O Consulado (1799-1804)

Apesar de aparentemente ser uma república democrática, o governo passou a ser exercido despoticamente por Napoleão, como uma monarquia militar.

Napoleão sabia que para se manter no poder, precisava contar com o apoio tanto da alta como da pequena burguesia. Para isso, procurou garantir a segurança interna e a paz externa.

No plano externo, derrotou novamente os austríacos e assina a paz de Amiens com os ingleses.

Internamente, toma várias medidas para reorganizar a administração do Estado e estabelecer a paz adotando uma política de conciliação; aperfeiçoou a arrecadação dos impostos e criou o Banco da França com um grupo de banqueiros, melhorando sensivelmente a situação econômica; reorganizou o ensino e estabeleceu a paz com a Igreja Católica através da Concordata (o papa reconhecia a perda dos bens eclesiásticos e, em troca, o Estado não interferiria com os cultos religiosos), e criou o Código Civil, que foi uma compilação sistemática de leis, cujo objetivo principal era assegurar à burguesia o usufruto da propriedade.

O êxito da política interna e externa dão uma grande popularidade a Napoleão, que recebe, em 1802, o direito de indicar seu sucessor: era, de fato, o estabelecimento de uma monarquia hereditária.

Em 1804, com total apoio da burguesia, faz realizar um plebiscito que lhe confere o título de imperador.

O Império (1804-1814)

O Império Napoleônico foi, para a França e a Europa, um período de guerras constantes, tanto pela ambição francesa que buscava ampliar suas fronteiras, quanto pela identificação, por parte dos demais países europeus, do governo de Bonaparte, com o triunfo das idéias revolucionárias.

Em dezembro de 1804, Napoleão é coroado(o fato curioso foi que, quem iria colocar a coroa na cabeça de Napoleão, era o papa, e na hora em que o papa o iria coroar, ele tirou a coroa da mão do papa e ele próprio colocou a coroa em sua cabeça, foi sem dúvida uma agressão ao papa e uma forma de Napoleão mostrar seu poder ao clero). Restaurava-se a monarquia sob a forma de império autoritário, com uma nova corte, formada e criada por uma nobreza imperial, com os títulos tradicionais.

O governo tornou-se despótico, desrespeitando as liberdades individuais e políticos, embora o Império desse à França uma prosperidade que lhe valeu o apoio de todas as classes da população.

As reformas econômicas continuavam. O Estado intervinha na economia associado à burguesia, enquanto a agricultura e a indústria recebiam programas de desenvolvimento. A estabilidade interna garantia a paz necessária ao desenvolvimento material, concretizando a aliança do governo com a burguesia.

Externamente, desde 1803, houve o reinício da guerra contra a Inglaterra, que contava com o apoio dos reis absolutistas, que viam em Napoleão a continuação dos ideais da Revolução Francesa e temiam que estes ideais se infiltrassem através de suas fronteiras.

A Inglaterra, apesar de ser uma nação liberal, via na prosperidade do capitalismo francês uma ameaça na disputa de mercados comerciais para os produtos de sua Revolução Industrial.

Em 1805, a Inglaterra, Àustria e Rússia se unem na terceira Coligação contra a França. Os ingleses vencem no mar, em Trafalgar, mas os austro-russos são derrotados em terra na batalha de Austerlitz.

Para enfraquecer a economia inglesa, Napoleão decreta o Bloqueio Continental, obrigando todos os países europeus a fecharem seus portos ao comércio inglês (é nesse ponto da história que a família real portuguesa tem que fugir para o Brasil, devido ao furo no Bloqueio Continental). Nessa época, praticamente toda a Europa estava sob o domínio ou influência de Napoleão: seu exército, bem organizado e numeroso, parecia invencível.

Em 1812, a Rússia, que dependia do comércio inglês, rompe o bloqueio decretado por Napoleão que, em represália, acaba invadindo-a.

A Campanha da Rússia acabaria sendo um desastre para o exército napoleônico (95 % do seus soldados morreram de fome e frio). Após uma fácil penetração em território russo, os franceses são dizimados pelo rigoroso inverno, tendo que bater em retirada fustigados pela reação do exército russo (os russo incendiavam as próprias cidades para que, quando o exército francês chegasse não tivesse nem água, alimentos e roupas)

Incentivados por essa derrota, a Prússia e a Áustria se unem à Rússia, vencendo Napoleão em Leipzig (1813). Em seguida, invadem a França e abrigam Napoleão e renunciar se retirando para a pequena Ilha de Elba.

Governo dos Cem Dias

A dinastia dos Bourbons é restaurada, subindo ao trono Luís XVIII, irmão do rei guilhotinado durante a revolução, mas , diante da insatisfação popular, Napoleão tenta retomar o poder: foge da Ilha de Elba e volta a Paris ovacionado pelo povo.

Inicia-se então, um período conhecido como " Governo dos Cem Dias ". Tenta reorganizar o exército, mas, é definitivamente derrotado na Batalha de Waterloo (1815) por ingleses e prussianos. O rei Luís XVIII, que havia fugido, volta ao trono.

Napoleão é considerado prisioneiro de guerra e é enviado para a Ilha de Santa Helena, onde morre, em 1821.

O Congresso de Viena

Os países europeus se reuniram, após a deposição de Napoleão, em Viena para reorganizar politicamente o continente europeu.

Embora todos os países da Europa fossem convidados para este congresso, as decisões ocorreram entre as quatro potências da época: Inglaterra, Rússia, Áustria e Prússia.

O Princípio da Legitimidade, proposto por Talleyrand, representante francês e ex-cessor de Napoleão, orientou as decisões que restabeleceram as fronteiras anteriores à Revolução Francesa, restaurando as monarquias absolutistas.

Temerosos de que os ideais revolucionários franceses retornassem na Europa, os reis absolutistas organizaram um instrumento de intervenção contra movimentos revolucionários ou separatistas; a Santa Aliança, formada inicialmente pela Rússia, Áustria e Prússia, tinha o objetivo de manter a ordem estabelecida contra qualquer manifestação revolucionária.

O presidente norte-americano, James Monroe, temeroso de que a Santa Aliança intervisse nos processos de independência na América lançou, em 1823, o preceito conhecido como Doutrina Monroe, que considerava ato de agressão aos Estados Unidos qualquer tentativa de interferência européia em assuntos políticos americanos, sintetizada na frase " A América para os americanos "

Napoleão e a Egiptologia

Os preparativos para a expedição

M.me. Monge exasperou-se. Não podia imaginar o seu Gaspard metido nos areais do Egito, assolado pelo frio noturno e pela incandescência diurna do Sol do deserto. Mas o jovem general Bonaparte insistia. Gaspard devia acompanhá-lo. Monge era um matemático celeberrimo e Napoleão não podia dispensá-lo da aventura que planejava. Convencida, Cathérine Huart, a esposa de Monge, concordou por fim que ele partisse. Assim como Monge, outros 166 sábios foram arrebatados pelo entusiasmo do comandante, entre eles o químico Berthollet, o geólogo Dolomieu, o físico Fourier, Mechain, um técnico em lunetas, e o grande naturalista Geoffrey de Saint-Hilaire. Até um aeróstata, Nicolas Conté, e um poeta chamado Parceval de Grandmaison embalaram-se. Contagiou Napoleão inclusive a École Polytechnique - a hoje celebrada Poly - inteira.

O governo do Diretório levantou as mãos aos céus por se ver livre daquele general de 29 anos com a ambição de um César. O jovem titã desembarcou da sua nau capitania, o L'Orient, em Alexandria, no Egito, no dia 1º de julho de 1798 - 40 dias após a sua partida do sul da França. Supõe-se que o lugar do desembarque dos regimentos de Bonaparte não distou muito do das legiões de Pompeu, das de César e, depois, das de Otávio, que, quase 2 mil anos antes do conquistador francês haviam levado para aquele grande país as desavenças políticas da Roma Republicana.

A expedição militar francesa compunha-se de 300 navios e 35 mil soldados, além, naturalmente, do seu departamento de sábios. Devido à atenção que os cientistas mereciam da parte de Napoleão, não demorou muito para que os oficiais do Exército, ciumentos, apelidassem a corte dos sábios de "a amante favorita do general". Daí entender-se a preocupação que Bonaparte teve para com eles, para com os cientistas, quando, na sua marcha para o Cairo, deu a cômica mais necessária ordem: les bêtes et les savants au demí!(os burros e os sábios no meio!), dita um pouco antes de ele deparar com as tropas inimigas na Planície de Guizé.

A estratégia de Napoleão ao atacar o Egito era atrair a Inglaterra para fora das Ilhas Britânicas, bloqueando-lhe o contato com seu império indiano. Azucriná-la bem longe de casa era sua meta. Evidentemente que o jovem general imaginava-se um outro Alexandre, tão moço e tão audacioso como ele. Napoleão - tal como o conquistador macedônico (que levava, em 334 a.C., um conjunto de especialistas e de filósofos gregos para estudar o Oriente) - queria somar à conquista militar os ganhos científicos que iria revelar ao mundo. Ao abrir o Egito aos olhos da Razão, esmiuçando-o com as lentes cartesianas, a ciência européia iria afastar as milenares teias de aranha e o pó sagrado que envolviam o passado daquele magnífico país, classificando os achados e recompondo-os pelo crivo crítico das Luzes.

Na época do Renascimento, muitos pensadores e filósofos, como Marcílio Ficino e Giordano Bruno, sentiam-se atraídos pelo seu mistério, pela escrita hermética que se acreditava provir de lá e pelos seus indecifráveis hieróglifos (tidos por muito como alfabeto de Deus). Nada disso desejava Napoleão. Nem mistérios, nem catar almas danadas vagando pelas tumbas ilustres, nem tentar desvendar segredos insolúveis. Isso era coisa para hierofantes e para místicos. Orientou seus sábios para que tudo o que fosse encontrado nas areias e nas tumbas do Egito fosse arrolado, estudado e classificado segundo os últimos recursos da ciência. Fugia-se da superstição e do ocultismo. Acreditavam os cientistas que aquilo que não se sabia no momento seguramente seria revelado no futuro. A Razão é paciente e perseverante.

A inspiração da expedição

A inspiração direta para a expedição ao Oriente Médio viera-lhe de uma obra que o impressionara: a "Voyage en Égypte et en Syrie", do conde de Volney, editada em dois volumes em 1787. Na época, Napoleão era um tenente pobre mas visionário. Não seguiu Volney, no entanto, na sua indisposição anti-islâmica. Ao chegar ao Egito, na Proclamação aos Muçulmanos, afirmou: "nous sommes les vrais musulmans!" (nós somos os verdadeiros muçulmanos!)

Napoleão entendia que era uma rematada loucura indispor-se com a imensa população local por motivos de fé. Havia que respeitá-los. Surpreendeu seus próximos quando, no Cairo, trajando-se como se fôra um xeque, um chefe do divã, de turbante e tudo, enfiou-se em longas conferências com os líderes religiosos islâmicos, orientando os imãs, os muftis e os ulemás para que interpretassem o Corão a seu favor. Proclamou-se cheik El Beled, o grande xeque do Egito, e émir Hagi, o encarregado e protetor dos peregrinos, cuidando para que todos os seus decretos fossem traduzidos para a língua árabe.

Depois de ter dado sovas na cavalaria mameluca, espantando-a a canhonadas - na célebre Batalha das Pirâmides - ele mesmo não resistiu em participar de algumas expedições. Em dezembro de 1798, na companhia dos sábios, Napoleão rumou para o Sinai, atrás do antigo Canal dos Faraós. Curiosamente, o relatório que o engenheiro-chefe J.-M Pêre fez naquela época sobre os vestígios da desaparecida artéria também caiu nas mãos dos ingleses. Décadas depois, o diplomata Ferdinand de Lesseps, quando era cônsul da França na cidade de Alexandria, em 1832, inspirou-se naquela exposição feita pelo seu compatriota para construir o Canal de Suez (inaugurado em 1869). Desde que vira a planta feita por J.-M.Pêre, Lesseps fôra possuído pela idéia de reconstruir aquela artificial passagem soterrada nas areias do Sinai.

O início da Egiptologia

Em um só ano, a equipe dos sábios franceses tinha levantado enorme material. A tal ponto que Napoleão decidiu-se por fundar lá mesmo, em agosto de 1799, o Institut d'Egypte. Dividido em quatro seções, a função da instituição seria a publicação dos achados e tudo o mais que lhe dissessem respeito. Para tanto, escolheu como sede o mais belo palácio do Cairo, o Hassan Cachef, que se tornou o berço da moderna egiptologia. O próprio Napoleão inscreveu-se como membro do Departamento de Matemática.

Uma das maiores contribuições da expedição à ciência, entretanto, só iria revelar-se bem mais tarde, quando o próprio império napoleônico já tinha desaparecido. Em 1799, um soldado francês, deambulando perto da aldeia de Rosetta, encontrara uma estranha pedra. Descobriu-se que era um decreto de Ptolomeu V Epifanes (210-180 a.C.) e que estava calcado em três línguas: o hieróglifo, o demótico e o grego. Mas ninguém, naquele momento, conseguiu decifrá-lo. Os ingleses se apoderaram da pedra quando os franceses capitularam em 1801, levando-a para o Museu Britânico.

Coube a Jean-François Champollion, de apenas 32 anos, traduzi-la em 1822. Ele, um gênio da filologia, dominava seis antigos idiomas orientais, fora o grego e o

latim. Dois anos depois, em 1824, ele concluiu o seu "Précis du système hiéroglyphique des anciens égyptiens", que tornou-se a chave da revelação de todas as inscrições encontradas desde então nos templos, nas pirâmides, e nas tumbas reais do Egito.

Desde então, um novo continente do conhecimento se abriu e, gradativamente, uma das mais antigas civilizações da Terra pôde, ainda que aos poucos, desvelar-se perante a curiosidade do homem moderno. A decifração dos hieróglifos feitas por Champollion foi um dos mais extraordinários legados do Iluminismo, enquanto a expedição de Napoleão ao Egito, apesar de só ter durando três anos e três meses, revelou-se, sob o prisma científico, uma das mais profícuas de todos os tempos.

"Acreditam que o Império do Oriente e talvez a sujeição de toda a Ásia não valem uma bombacha e um turbante?" - Napoleão Bonaparte - 1798

Napoleão atravessa os Alpes

Mais uma vez noticia-se ter sido Napoleão envenenado por arsênico quando esteve aprisionado pelos ingleses na solitária Ilha de Santa Helena, onde faleceu em 1821. Leia a seguir um dos grande feitos militares daquele grande militar, ocorrido há 200 anos atrás.

"Quando o homem que quer criar grande coisas precisa do passado, usa a história monumental" - F.Nietzsche - "Considerações intempestivas", 1873-6

Nietzsche disse que os grandes homens liam a história de uma maneira diferente da gente comum. Para o simples mortal a grandiosidade das coisas passadas resulta ser paralisante, fazendo vacilar a sua inteligência. Para os superdotados, ao contrário, ela, "a história monumental", tem o efeito de um desafio, de algo a ser superado. Pelo menos assim se deu com Napoleão. As incansáveis leituras que fez, quando ainda cadete, sobre o Mundo Antigo, tornando-o íntimo de Plutarco e de Tito Lívio, inspiraram-no a que ele, quando da célebre Campanha do Egito em 1798, seguisse o exemplo de Alexandre o Grande. Ao desembarcar lá levava junto, no bivaque dos regimentos franceses, uma notável equipe de mais de cem cientistas para tentar desvendar o enigmático país das pirâmides.

Até então o jovem general - tinha 29 anos então - fizera uma carreira meteórica. A Revolução de 1789, ao devastar a nobreza, abriu oportunidades de promoção da noite para o dia. O comando da força armada revolucionária era composto de egressos de todas as classes sociais. General-de-brigada aos 26 anos, Bonaparte entrara na Lombardia italiana comandando uma tropa de esfarrapados para bater espetacularmente os exércitos austríacos que então ocupavam. Dois anos depois, no Cairo ocupado, quando da fundação da Academia de Ciências do Egito, onde ele inscreveu-se como matemático, imaginou-se um califa, um representante do Profeta, ordenando que suas diretrizes fossem impressas em árabe. Fracassada a aventura pelos dissabores trazidos por Lorde Nelson, que afundou a esquadra francesa na baía de Aboukir em agosto de 1798, Napoleão, num gesto surpreendente, escapando do bloqueio inglês no Mediterrâneo, voltou à França.

Acusou o regime civil de incompetente e irresponsável. Na ausência dele, a França recuava, o Diretório se acovardara. Apoiado no exército, de quem se tornara herói, derrubou-o em 48 horas, pelo Golpe do 18 brumário(9-10 de novembro de 1799). A mensagem que então enviou ao povo francês não deixou dúvidas: ele não seria "um Robespierre a cavalo", a Revolução de 1789 acabara. A era da turbulência seria

sucedida pela era da ordem. Até de aparência ele mudou. O descabelado e mal vestido oficial do exército revolucionário, deu lugar ao visual sóbrio do primeiro cônsul, trajado em discreto veludo, com o cabelo curto à la romana. O corte de César. A nova constituição que ele fez aprovar - a Constituição do ano VIII - não deixava dúvidas de quem mandava na França. Para tranquilizar os burgueses, e também para merecer-lhes o voto de confiança, fundou em janeiro de 1800 o Banco da França.

Faltava-lhe porém algo ainda mais espetacular para consolidar o regime. Uma façanha que embasbacasse a todos. Os exércitos franceses que ele deixara na Itália em 1796 estavam de novo ameaçados pelos austríacos. Era preciso uma operação relâmpago para socorrê-los. Veio-lhe à memória a passagem de Aníbal pelos Alpes, ocorrida 2 mil anos antes, à época das Guerras Púnicas. O grande capitão chegara a levar até elefantes à Suíça!

Bonaparte não podia ficar-lhe atrás. Num rufar de tambores, arregimentou uma tropa, equipou-a para o frio e foi em frente. Se o cartaginês conduzira pelos picos gelados aqueles mastodontes que trouxera da África, ele carregaria à muque as peças de artilharia, improvisando até uns trenós para descê-las nos desfiladeiros. E lá se foi ele à franquear o São Bernardo, façanha que completou em maio de 1800, e que, mais tarde, Jean Baron e d'Albe Louis immortalizaram em pintura consagrada. Em junho ele esmagou os adversários em Marengo. Estonteado com o que fizera em menos de um ano, de onde saíra da areia do deserto para as neves alpinas, do generalato para ser o sucessor dos Bourbons, cismou então superar um outro gigante do passado: Carlos Magno. Em 1804 ele iria coroar-se Imperador da França. Porque não também ser o Imperador do Ocidente?

Nietzsche afirmou que, por vezes, "uma grande vitória é um grande perigo". As alturas dos Alpes, que Napoleão cruzou com sucesso faz 200 anos, levaram-no aos excessos de grandeza, e dali à perdição nas neves da Rússia. Mas seguramente foi o exemplo do grande corso que inspirou o filósofo a conceber a existência do super-homem.

Napoleão por ele próprio

Na minha carreira, não-de revelar-me os erros. Mas Arcole, Rivoli, as Pirâmides, Marengo, Austerlitz, Lena, Friedland, são granito. O dente da inveja nada pode contra isto...

Que significa o nome de Imperador? Uma palavra como qualquer outra. Se eu não tivesse outros títulos para me apresentar diante da posteridade, ela rir-se -ia de mim. As minhas instituições, os meus benefícios, as minhas vitórias, são os meus verdadeiros títulos de glória. Que me chamem corso, caporal, usurpador: pouco me importa!...

Apesar de tudo, por mais que cortem, suprimam, mutilem, será difícil fazer-me desaparecer completamente. Um historiador francês, no entanto, será sempre forçado a abordar o caso do Império. E, se tiver coração, terá de me restituir alguma coisa, que me dê a minha parte, e sua missão será fácil; porque os efeitos falam por si e brilham como o Sol...

Fechei o abismo anárquico e destrincei o caos. Limpei as manchas da Revolução, enobrei os povos e fortaleci os reis. Provoquei todas as emulações, recompensei todos os méritos e dilatei os limites da glória. Tudo isto sempre é alguma coisa. E em que me poderão atacar que um historiador não me possa defender? Será as minhas intenções? Mas é um motivo para me absolver. O meu despotismo? Mas ele demonstrará que a ditadura era absolutamente necessária. Dirão que reprimi a

liberdade? Mas ele provará que o desregramento, a anarquia, as grandes desordens ainda estavam no limiar da porta. Acusar-me-ão de ter amado demais a guerra? Mas ele fará ver que ela foi apenas obra fortuita das circunstâncias, que foram mesmo os nossos inimigos que me conduziram para ela, passo a passo. Enfim, será pela minha ambição? Ah! Sem dúvida, ele vai encontrá-la em mim, e muita; mas da maior e da mais alta que talvez jamais tenha existido, a de estabelecer, de consagrar enfim o império da razão e o pleno exercício, a completa posse de todas as faculdades humanas. E aqui talvez o historiador se veja reduzido a ter de lamentar que tal ambição não se tenha cumprido, não fosse satisfeita... Em poucas palavras, eis no entanto toda a minha história... Milhares de séculos vão decorrer antes que as circunstâncias acumuladas sobre minha cabeça escolham um outro entre a multidão, para reproduzir o mesmo espetáculo.